



Mulheres rurais e quintais produtivos: novos sentidos sobre a produção e reprodução da vida

Rural women and productive backyards: senses about the production and reproduction of life

OLIVEIRA, Jannah¹; SILVA, Luana²; FREITAS, Karine Pereira³; SILVA, Luiza Carolina⁴; SILVA, Mylena R. S.⁵; JALIL, Laeticia⁶

¹ UFRPE/Núcleo JUREMA, oliveirajannah@gmail.com; ² UFRPE/Núcleo JUREMA, luanacristine209@gmail.com; ³ UFRPE/Núcleo JUREMA, karinne_33@hotmail.com; ⁴ UFRPE/Núcleo JUREMA, luizacsilva00@gmail.com; ⁵ UFRPE/Núcleo Jurema, mylenaraiza@gmail.com; ⁶ UFRPE/ABA, laeticiajalil@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O presente trabalho é parte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) intitulado “A contribuição das mulheres rurais na reprodução dos agroecossistemas: um olhar sobre os quintais produtivos” que, a partir de um debruçar sobre a realidade das agricultoras agroecológicas localizadas na região do Sertão do Pajeú pernambucano, contribui para as reflexões coletivas acerca da divisão sexual do trabalho que determina de forma profunda a vida das mulheres rurais na invisibilidade das atividades que realizam, divisão esta, configurada como uma opressão estruturante de desigualdades históricas das relações patriarcais que as mantêm numa posição de submissão e exploração. Para isso, através de uma análise qualitativa e de caráter participativo, fundamentada numa metodologia feminista de construção coletiva de saberes e nas práticas do movimento agroecológico, aprofundamos o olhar para as transformações nas dimensões material, ecológica, simbólica e cultural da vida das agricultoras a partir de seu próprio *saber-fazer* dimensionado na pesquisa das Cadernetas Agroecológicas, e sobre a importância do trabalho produtivo que realizam dentro de seus quintais, para além de um trabalho reprodutivo visto pela economia capitalista de forma dicotômica e apenas como condição de reprodução de seus processos, o que oferece aportes para se fundamentar as possibilidades de relações diversas da lógica monetária, e que evidenciam a contribuição das mulheres agricultoras e da agroecologia dos quintais para o campo produtivo da atividade econômica, mas também para a construção do conhecimento agroecológico, como um projeto de enfrentamento às estruturas de poder patriarcal e capitalista e como um paradigma de transformação da sociedade para um modelo de bem viver justo e sustentável.

Palavras-chave: agroecologia; feminismo; quintais produtivos; produção; reprodução.

Keywords: agroecology; feminism; productive backyards; production; reproduction.

Introdução

As diversas pesquisas em agroecologia desenvolvidas nos últimos anos apontam para uma questão comum, a das relações de gênero que, sendo uma construção social, se entrelaçam num complexo sistema de dominação produzido e sustentado pela sociedade, que não se resumem a diferenças biológicas, mas que revelam uma estrutura social determinante dos papéis do homem e da mulher. Para Joan Scott (1995, p. 86), o gênero é uma categoria que deve ser entendida como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos



e como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Num sistema capitalista e patriarcal essa estrutura se manifesta primeiro na dimensão do trabalho, onde a divisão sexual determina os sujeitos protagonistas e os invisíveis da história, em que o homem geralmente ocupa o campo produtivo, e à mulher fica reservado o trabalho reprodutivo, de cuidado e manutenção da casa e da família, esta posição sendo historicamente considerada como “natural” do gênero e pouco valorizada na sua importância para a manutenção da vida. Cristina Carrasco (2013, p. 48) aponta que o cuidado dos corpos, dos afetos e da vida têm sido um fio condutor da história, permitindo que as sociedades não só se reproduzam em termos biológicos, mas que continuem desenvolvendo vínculos e relações que fazem a vida mais humana. Este fato continua sendo ignorado pela economia e pela política, quando a maioria dos economistas não o considera objeto de estudo por não estar orientado ao mercado.

Consideramos que essa naturalização do trabalho doméstico é introjetada de forma profunda pelas mulheres (Faria, 2009), se tornando parte de suas identidades e determinando de forma objetiva e subjetiva suas vidas. Realidade que se constrói histórica, social e simbolicamente, configurando e fixando as representações sociais e as práticas que as acompanham (Descarries, 2006, p. 36 apud Siliprandi, 2015, p. 38), e determinando a forma como as sociedades se organizam e os sentidos que produzem. No mundo rural, essa divisão se aprofunda quando as relações de gênero estão baseadas em uma outra forma de organização social e, sendo a família a unidade tanto de produção quanto de reprodução, isto torna complexa a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo.

Assim, a partir de uma situação de subordinação e invisibilidade do trabalho das mulheres, a equipe do Programa Mulheres e Agroecologia do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) juntamente com as agricultoras da região e uma rede de organizações do campo agroecológico e feminista e o GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia-ANA, criou as Cadernetas Agroecológicas, primeiramente como um instrumento de formação que pudesse registrar e dar visibilidade ao trabalho que realizavam diariamente nos quintais, e que posteriormente se tornou um instrumento político-pedagógico para o debate sobre gênero no campo a partir de uma visão feminista das condições de vida das agricultoras, quando além de mensurar e dar visibilidade ao seu trabalho, se tornou um instrumento de fortalecimento de sua autonomia e transformação de suas realidades. Organizada de forma simples, apresentando quatro colunas para o registro do que foi consumido, doado, trocado ou vendido a partir do cultivado nos quintais produtivos e espaços de protagonismo das mulheres em suas propriedades, a Caderneta permitiu que as agricultoras atuassem também como pesquisadoras de suas próprias vidas. Vale destacar que o território aqui chamado de “quintal” foi definido de maneira coletiva pelas pesquisadoras como um *“local de trabalho e experimentação de forma autônoma da mulher, para produção da agrosociobiodiversidade, soberania e segurança alimentar”*, definição que possibilitou que o termo abarcasse os diversos locais de trabalho das mulheres agricultoras de diferentes territórios do país, quando o quintal tem dimensões diferentes na Amazônia e no Nordeste, por exemplo.



Metodologia

A partir da compreensão de que o conhecimento é uma construção social e coletiva e que por isso deve ser produzido a partir dos olhares e sentidos de seus sujeitos, a pesquisa se fundamenta nas práticas do movimento agroecológico e das teorias feministas para a criação de novas formas de *saber-fazer* que integrem linguagens, narrativas e sentires de um universo de atoras diversas para a escrita de uma nova história de suas vidas (Jalil, 2017). Assim, é na busca do cotidiano e dos saberes próprios das agricultoras e da partilha destes saberes a partir das relações de solidariedade que se faz uma compreensão mútua destas realidades e experiências diversas. Assim, este trabalho se baseou fundamentalmente nos resultados da pesquisa nacional, cujos primeiros resultados estão expressos na publicação *Caderneta agroecológica e os quintais: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil* (CTA-ZN, 2018), e em arquivos pessoais de relatórios dos últimos seminários nacionais realizados para discussão e sistematização dos dados da pesquisa, que aconteceram entre setembro e novembro de 2018 na cidade do Recife, Pernambuco, onde estiveram presentes desde as agricultoras-pesquisadoras, até as coordenadoras do projeto, pesquisadoras relacionadas à universidade, assistentes técnicas e representantes dos movimentos e organizações de mulheres de todos os territórios onde foi realizada.

Resultados e Discussão

Os dados da região Nordeste, que apurou 111 registros nas Cadernetas Agroecológicas, demonstram que, da produção realizada e registrada pelas agricultoras participantes, um quantitativo de aproximadamente 22.700 itens, entre março de 2017 e fevereiro de 2018, 49% dos produtos foram destinados para consumo próprio, 21% para troca, 27% para venda e 3% para doação, sem considerarmos as subnotificações. Transformando em valores monetários, registrou-se um valor total de produção de aproximadamente R\$ 163.200,00 para consumo e de R\$ 251.500,00 para venda. Pensando em termos econômicos, são números expressivos, mas que sozinhos não dão conta da riqueza dos detalhes e das relações que se estabelecem a partir do trabalho das mulheres agricultoras para além de valores monetários, aqui contidos sobretudo nos valores de doação e troca, o que modifica o olhar sobre esse trabalho, onde os sentidos da economia clássica e das metodologias tradicionais são insuficientes.

As falas trazidas pelas agricultoras, pesquisadoras e técnicas que teceram todo o processo da pesquisa das Cadernetas deixam evidentes alguns pontos sobre outros sentidos de estar no mundo e sobre a importância de uma construção coletiva desse saber-fazer agroecológico. Falou-se sobre a “*dimensão e a importância da troca*”, dos quintais como “*espaço de liberdade*” e sobre um processo “*de empoderamento impressionante para a mulher que olha para o que faz e dá outro sentido, onde ela se reconhece como construtora do conhecimento do saber-fazer agroecológico*”



(Laetícia Jalil). Isabelle Hillemkamp apontou o fato de que quando uma agricultora fala *“me descobri a mim mesma”*, isto deixa claro um processo de construção de si a partir do coletivo. Outras falas como *“eu descobri que tinha isso no meu quintal”*, *“que tinha capacidade”*, da agricultora Dani que apontou que *“o movimento muda não individualmente, mas a casa, a comunidade”*, e da agricultora Juju que disse sentir *“orgulho de si e das parceiras”*, mostram que a prática de registro nas Cadernetas se tornou uma ferramenta de empoderamento das mulheres rurais, quando possibilitou que elas olhassem para seu trabalho e percebessem a importância do que é naturalmente invisibilizado no seu cotidiano, permitindo que se reconhecessem e fossem reconhecidas pela família e comunidade como agricultoras, trabalhadoras, e não apenas como donas de casa.

Conclusões

Fica evidente na pesquisa as Cadernetas Agroecológicas que as experiências das mulheres trouxeram mudanças significativas para suas vidas, desde um maior entendimento e valorização da família pela sua atividade produtiva, até um maior envolvimento da juventude do campo que, em geral, migra para as cidades e perde sua relação com a terra, até aspectos mais intersubjetivos, relacionados ao reconhecimento da mulher enquanto trabalhadora rural, agricultora familiar. Esse reconhecimento, pelo fortalecimento de sua auto-estima, provoca transformações nas relações familiares e sociais, e nas organizações e movimentos onde estejam engajadas, porque transformam o seu ser em relação ao mundo. As mulheres agricultoras passaram a ter direito de decisão sobre o dinheiro da família, conseguiram força para vencer as violências enfrentadas dentro de casa e se tornaram mais politizadas quando assumiram participação e cargos de liderança em grupos produtivos, cooperativas e sindicatos. O campo do político como um espaço de decisão e poder, foi por muito tempo negado às mulheres, por ser considerado *“assunto de homem”*. Ficou demonstrado também que os quintais são fundamentais para a segurança e soberania alimentar das famílias e de suas comunidades, quando parte do produzido por elas foi direcionado para o autoconsumo e para doações à vizinhança, instituições ou famílias em situação de vulnerabilidade.

A ferramenta da Caderneta Agroecológica, como fruto de uma construção coletiva, foi fundamental para o entendimento das agricultoras sobre a dimensão e o valor do trabalho que realizam, no campo produtivo e de cuidados, as estimulando no sentido de se perceberem e agirem enquanto sujeitas essenciais para a produção e a manutenção da vida, reconstruindo identidades, territórios, relações com a comunidade e com o trabalho, e configurando novas representações sociais e práticas que se moldem à construção de uma outra sociedade, impulsionando, como pontua Cristina Carrasco, um deslocamento do eixo e do objetivo social e econômico que provoque uma mudança de paradigmas, e consequentemente, uma nova lógica econômica em desafio à economia capitalista que, agora mais do que nunca, precisa compreender que ela é que emerge das formas de relações que construímos, e não o contrário, como tenta se fazer crer o capital financeiro, que a tudo apropria.



A pesquisa das Cadernetas oferece ainda diversas possibilidades de aprofundamento e reflexão sobre as questões apontadas, que continuam em movimento e se mostrarão em oportunidades futuras, mas já se reforça máxima do movimento feminista e agroecológico, onde afirmamos que Sem Feminismo, Não Há Agroecologia!

Agradecimentos (opcional)

Agradecimentos à minha orientadora Laetícia Jalil que tanto me inspira sobre paixão e entusiasmo como formas indissociáveis de se fazer pesquisa, às minhas amigas e colegas de trabalho do Núcleo Jurema pelos encontros e trocas tão importantes para o meu processo pessoal e acadêmico e à Universidade Federal Rural de Pernambuco, que me possibilitou encontrar a essas e outras tantas mulheres que me fortalecem e orientam a caminhada.

Referências bibliográficas

ALVES, Luciana Medeiros; ALVARENGA, C.; CARDOSO, E.; et.al.. **Caderneta agroecológica e os quintais**: Sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil. Minas Gerais: Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.

CARRASCO, Cristina. **El cuidado como eje vertebrador de una nueva economía**. Cuadernos de Relaciones Laborales: Los cuidados entre el trabajo y la vida. v. 31, n. 1. Madrid, Espanha, 2013. p. 39-56.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Di Sabbato, A.; Melo, H. P. de; Lombardi, M. R.; Butto, A. (org.). – Brasília: MDA, 2009. p. 13-27

JALIL, Laetícia. **Rede feminismo e agroecologia do Nordeste**/ Laetícia Medeiros Jalil, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. – 1. ed. Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017. 198 p.:il.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. v. 20, n. 2. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995. ISSN 2175-6236.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TELLES, Liliam; JALIL, Laetícia; CARDOSO, Elisabeth; ALVARENGA, Camila Rafaela. Cadernetas agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil. In: **Agroecologia em feminino**: Reflexiones a partir de nuestras experiencias. (Zuluaga Sánchez G, Catacora-Vargas G, Siliprandi E, coord.). La Paz: SOCLA/CLACSO, pp. 141-157.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.